

# MUSA

museus, arqueologia & outros patrimónios



Fórum Intermuseus do Distrito de Setúbal

Setúbal, 2004

1



# **MUSA**

**museus, arqueologia & outros patrimónios**

**Volume 1  
Setúbal 2004**

**FIDS & MAEDS  
Autarquias do Distrito de Setúbal**

# Ficha Técnica

## *Edição*

Fórum Intermuseus do Distrito de Setúbal (FIDS) e Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS)

## *Direcção*

Victor Borrego (Presidente da Assembleia Distrital de Setúbal)

## *Coordenação Editorial*

Joaquina Soares

## *Conselho Científico*

António Nabais  
Carlos Tavares da Silva  
João Luís Cardoso  
Mário Canova Moutinho  
Mário Varela Gomes  
Victor S. Gonçalves  
Vitor Serrão

## *Conselho Redactorial*

Antónia Coelho-Soares  
Fátima Contramestre de Almeida  
Fernanda do Vale  
Germesindo Silva  
João Carlos Faria  
Luís Ferreira  
Maria Graça da Silveira Filipe  
Maria Rosa Peralta Sousa Silva  
Maria Teresa Rosendo  
Miguel Correia  
Teresa Rosa Gomes da Cruz Silva

## *Secretariado e correspondência*



MAEDS

Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal  
Av. Luisa Todi, 162; 2900-451 Setúbal (Portugal)  
Telefs - (351) 265239365/265534029; Fax - (351) 265527678  
Email - maeds@mail.telepac.pt

## *Capa*

Fotografia inédita, de autor desconhecido, propriedade do MAEDS.  
Cais da Torre do Outão, com hiato de Setúbal, 1908.

## *Execução gráfica*

Ana Paula Covas  
António Caetano de Campos Ramos  
Jan van Krimpen

## *Impressão e acabamento*

Impripal Artes Gráficas, Lda. - [www.imprupal.com](http://www.imprupal.com)

## *Depósito Legal n.º*

221991/05

## *ISSN*

1646-0553

## *Tiragem*

1400 exemplares

## Nota de Abertura

É com inegável prazer que anuncio a publicação da revista *MUSA*, em atenção ao seu valor intrínseco, enquanto repositório de importantes artigos, originais, sobre o património cultural do Distrito de Setúbal, aqui abordado na dupla vertente da investigação e da divulgação.

Igualmente importante é o valor simbólico da *MUSA*, uma vez que revela a capacidade do Poder Autárquico da região em encontrar consensos e pontes de diálogo, ao serviço da cooperação supramunicipal.

De facto, é crescente a consciencialização colectiva sobre a necessidade de reforçar a acção intermunicipal nos domínios da cultura, do ambiente, da educação, da saúde, do turismo. Precisamente nesta lógica, se enquadra o papel da Assembleia Distrital de Setúbal e nesse âmbito a edição da presente publicação.

A revista *MUSA* é, em grande parte, suportada pelo funcionamento do Fórum Intermuseus do Distrito de Setúbal, o qual configura a primeira rede de museus de carácter regional a surgir no país e cujo exemplo espero que frutifique.

A presente publicação constitui um desafio ousado, pelo esforço e dedicação que pressupõe e congregou o entusiasmo de muitos especialistas nas questões da cultura e do património, que em boa hora elegeram o Distrito de Setúbal como campo de estudo; para eles vão as minhas saudações e agradecimento.

Desejo, igualmente, agradecer os apoios que alguns parceiros institucionais e sócio-económicos disponibilizaram para esta iniciativa e, finalmente, fazer votos para que a *MUSA* vá ao encontro dos interesses da Comunidade Distrital e a possa também inspirar.

**O Presidente da Assembleia Distrital de Setúbal**

**Victor Borrego**

# Fórum Intermuseus do Distrito de Setúbal – FIDS

---

## *Integrado por:*

- + Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal/Assembleia Distrital de Setúbal
- + Museu Municipal de Alcácer do Sal/Câmara Municipal de Alcácer do Sal
- + Museu Municipal de Alcochete/Câmara Municipal de Alcochete
- + Museus Municipais de Almada/Câmara Municipal de Almada
- + Serviços Culturais/Câmara Municipal do Barreiro
- + Serviços Culturais/Câmara Municipal de Grândola
- + Departamento de Acção Sociocultural/Câmara Municipal da Moita
- + Museu Municipal de Montijo/Câmara Municipal de Montijo
- + Museu Municipal de Palmela/Câmara Municipal de Palmela
- + Museu Municipal de Santiago do Cacém/Câmara Municipal de Santiago do Cacém
- + Ecomuseu Municipal do Seixal/Câmara Municipal do Seixal
- + Museu Municipal de Sesimbra/Câmara Municipal de Sesimbra
- + Museus Municipais de Setúbal/Câmara Municipal de Setúbal
- + Museu Municipal de Sines/Câmara Municipal de Sines

## Patrocínios

---

Administração do Porto de Sines



Fundação para a Ciência e Tecnologia



Região de Turismo de Setúbal - Costa Azul



A revista *MUSA* surge, essencialmente, em resultado da dinâmica do Fórum Intermuseus do Distrito de Setúbal, plataforma de debate das questões do património, abordadas a partir dos museus. Sem regulamentos prévios, deixando que a realidade concreta se espelhe na acção e oriente o rumo do FIDS, constrói-se o percurso, caminhando. Não se procura a homogeneidade, antes se aposta na diversidade, na diferença, na crítica. As vozes críticas obrigam à reflexão, mas supõem também firmes princípios de cooperação e solidariedade. Com base nas muito diversas posturas sócio-ideológicas, foi possível avançar com o presente projecto editorial de forma inclusiva, com a participação de todos os concelhos do Distrito de Setúbal, e este é o aspecto que mais valorizamos, porque mostra a capacidade que a região possui para se associar em torno de projectos de interesse comum, e particularmente de vocação cultural.

Este volume possui, evidentemente, um carácter experimental; o próximo será provavelmente melhor estruturado. Tentou-se conciliar o inconciliável, ou talvez não, quando se assumiu a publicação de originais de carácter científico, resultantes de projectos de investigação, e de textos de divulgação, acessíveis a um grande público. O propósito de servir esse vasto público interessado nas áreas do património, museologia e arqueologia, na dupla perspectiva da divulgação e da produção de novos conhecimentos, confere à revista um interesse duradouro.

A *MUSA* encontra-se organizada em várias secções, fisicamente delimitadas no corpo da revista, para melhor orientação dos leitores; a sua temática centra-se nas diversas modalidades do património cultural (procurou-se, aliás, reunir textos reveladores dessa abrangência); mostra-se aberta à colaboração de especialistas nos domínios atrás referidos; a sua geografia, de partida ou de chegada, deverá ser o Distrito de Setúbal; a base autárquica em que a revista assenta não pode, no entanto, ser confundida com autarcia e o campo geográfico de incidência da revista deve ser entendido de forma flexível; textos teóricos, sem um suporte territorial determinado, terão o melhor acolhimento.

Parece-nos razoável apostar em uma periodicidade anual. Os prazos de entrega de textos e de revisão de provas terão de ser objecto de calendarização; as normas de publicação são disponibilizadas desde já, no final deste volume. Da periodicidade da revista resulta que a agenda cultural, conforme a tínhamos pensado no início deste processo, poderá não cumprir, integralmente, os seus objectivos de informação atempada; terá pois de sofrer apreciáveis melhoramentos, destinando-se sobretudo a anunciar realizações programadas com muita antecedência e/ou à produção de reflexões e opiniões sobre eventos culturais ocorridos ou não no Distrito.

**A Coordenadora Editorial**

**Joaquina Soares**

# Índice

<b>Museus</b>	9
Mário Canova Moutinho <i>Os Compromissos dos Museus com a Sociedade</i>	11
António Nabais <i>Museu-oficina de Artes Manuel Cargaleiro. Quinta da Fidalga (Seixal)</i>	15
João Carlos Faria <i>Alcácer do Sal: páginas de história, a história de um museu</i>	19
Elsa Afonso e Paula Costa <i>Museu Municipal de Alcochete. Um museu em desenvolvimento</i>	23
Ângela Luzia e Maria Rosa Silva <i>Almada - apontamentos para a história de uma cidade</i>	28
Germesindo Silva <i>Museu Mineiro do Lousal. Espaço de encontro e cultura</i>	40
Maria Teresa Rosendo <i>O Museu Municipal de Palmela apresenta-se</i>	44
Graça Filipe <i>Antecedentes da criação de um museu no concelho do Seixal. Das ideias e acções anteriores a 1974, à emergência de um projecto cultural e do museu municipal</i>	51
Luís Jorge Rodrigues Gonçalves <i>Museu Municipal de Sesimbra. Programa de desenvolvimento</i>	61
Antónia Coelho Soares <i>Um projecto museológico para Sines</i>	67
Joaquina Soares <i>Museu/Museus. Operacionalizar funções</i>	75



<b>Arqueologia</b>	81
Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares <i>Intervenção arqueológica no sítio neolítico de Brejo Redondo (Sines)</i>	83
Antónia Coelho Soares e Carlos Tavares da Silva <i>Novas oficinas de produção de preparados piscícolas na área urbana de Sines. Intervenção arqueológica na Rua Ramos da Costa</i>	111
Eurico Sepúlveda <i>Os Murrii. Oleiros tardo-itálicos</i>	123
Carlos Tavares da Silva, Joaquina Soares e Susana Duarte <i>Preexistências de Setúbal. Intervenção arqueológica na Rua António Maria Eusébio, 85-87</i>	137
<b>Outros Patrimónios</b>	153
T.M. Azevêdo, M. Abreu e A.M. Galopim de Carvalho <i>Uma vez mais a Pedra Furada</i>	155
Vitor Serrão <i>O mestre do retábulo da Igreja da Misericórdia de Almada (1590): O pintor Giraldo de Prado</i>	161
Vanessa de Almeida <i>Mausoléu de Alfredo da Silva</i>	176
Marisol Aires Ferreira <i>Património construído da aldeia de Melides</i>	181
Teresa Rosa Silva <i>Os recursos da Borda d'Água no contexto sócio-económico do Tejo</i>	186
Fátima Contramestre de Almeida <i>Contributo para um Guia do Arquivo Histórico Municipal de Montijo</i>	193
José Matias <i>Património molinológico do concelho de Santiago do Cacém</i>	200

<b>Recensões, Publicações e Informações</b>	213
Mário Varela Gomes <i>“Mais um escalpe no meu cinto”. A propósito de “Os Hipogeus Pré-Históricos da Quinta do Anjo (Palmela) e as Economias do Simbólico”, de Joaquina Soares</i>	215
Susana Duarte <i>Ler Arqueologia e Património na biblioteca do MAEDS. Títulos inventariados em 2003</i>	219
Câmara Municipal de Alcácer do Sal	229
Câmara Municipal de Alcochete	230
Câmara Municipal de Almada	231
Câmara Municipal do Barreiro	233
Câmara Municipal de Grândola	235
Câmara Municipal da Moita	237
Câmara Municipal de Montijo	239
Câmara Municipal de Palmela	241
Câmara Municipal de Santiago do Cacém	244
Câmara Municipal do Seixal	245
Câmara Municipal de Sesimbra	249
Câmara Municipal de Setúbal	251
Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal/Assembleia Distrital de Setúbal	253

# Os Compromissos dos Museus com a Sociedade

MÁRIO CANOVA MOUTINHO\*

## RESUMO

Reflexão sobre os compromissos que limitam a liberdade de acção e de pensamento crítico, no desempenho da actividade museal. O autor propõe uma maior abertura no sentido do reconhecimento da pluralidade da acção museológica que não se conforma com grelhas de definições passadistas e aponta para um renovado compromisso dos museus com o desenvolvimento e a cidadania.

Existem vários tipos de compromissos que os museus, grandes e pequenos, ricos e pobres assumem no seu dia a dia.

## 1. MUSEUS COMPROMETIDOS CONSIGO PRÓPRIOS

Chefias, sobrevivência institucional, manutenção das colecções ou simplesmente a abertura regular das portas.

1.1. Em termos de chefias, é particularmente importante que estas não saiam do quadro restrito dos “bem relacionados”, das redes de parentesco, das progenituras político/partidárias ou das peças de xadrez que outras instancias movem à revelia de qualquer razoabilidade para o observador mesmo mais atento.

Este tipo de compromissos, onde o museu é sujeito e agente, aplica-se geralmente aos museus públicos, tipo museu de arte.

1.2. Quanto à sobrevivência institucional tudo se

## ABSTRACT

This paper is concerned about the museum's necessary compromises which limit the scope of activity and its critical approach in relation to society. The factors that prevent museums from undertaking activities in an open and creative atmosphere are identified. The paper points to the social function of the museum and proposes a new role for the museum in social development and citizenship.

passa como se todos os museus fossem indispensáveis. Ora eu julgo que existem museus que poderiam por uma questão de sanidade pública ser encerrados definitivamente, com um laudo de desculpa pelos malefícios culturais e outros, que, durante décadas contaminaram todos aqueles que algum dia por lá passaram. Museus que nasceram em dias felizes mas que o tempo e a ausência de qualquer esforço intelectual de renovação se encarregaram de congelar, empoeirar, degradar, podendo até mesmo provocar alergias, acidentes e outras coisas nos visitantes.

Guerras de Alecrim e Manjerona entre ministérios, entre tutelas, quanto à sua dependência, quanto à distribuição das migalhas de orçamentos de sobrevivência, são os acontecimentos mais emocionantes nas suas rastejantes vidas.

1.3. No oposto destes orçamentos de sobrevivência, outros museus, pelo contrário, deveriam fechar ainda antes de serem inaugurados. Porque correspondem a gestos que visam grandes operações imobiliárias, a distribuição de chorudos contratos às referidas progenituras político/partidárias. São na verda-

---

\*Coordenador do Mestrado de Museologia da ULHT, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

de actos de sobrevivência de instituições que buscam poiso em qualquer país, em qualquer lugar, com o apadrinhamento de responsáveis locais, comprometidos apenas com a sua reeleição, e com o acesso a verbas perfeitamente astronómicas (tipo Gugenheim & Co.).

Nestes casos trata-se de compromissos não dos museus mas tão somente da especulação cultural.

## 2. MUSEUS COMPROMETIDOS COM OS SEUS DONOS

### 2.1. Museus de poder, da memória e do esquecimento

Neste ponto enquadrámos os museus que têm como compromisso o de servirem o poder ou os poderes que os criaram e os mantêm.

Estes museus são claramente um *veículo do poder* e nessa condição servem os interesses dos seus donos: públicos ou privados.

São museus que transmitem condicionamentos culturais e políticos muitas vezes na perfeita harmonia com serviços pedagógicos bem montados, onde as teorias da aprendizagens formais e informais são sempre actualizadas.

Mas também são museus onde mais que pela memória se guiam pelo esquecimento.

“Nunca se saberia, visitando a maioria dos museus americanos, que o homem negro existe na América” (John Kinard, director do Museu de Anacostia).

Como afirma Mário Chagas *“A tendência para a celebração da memória do poder é responsável pela constituição de acervos e colecções personalistas e etnocêntricas, tratadas como se fossem a expressão da totalidade das coisas e dos seres ou a reprodução museológica do universal, como se pudessem expressar o real em toda a sua complexidade ou abarcar as sociedades através de esquemas simplistas, dos quais o conflito é banido por pensamento mágico e procedimentos técnicos de purificação e exclusão”*.

*As relações estreitas entre a institucionalização da memória e as classes privilegiadas têm favoreci-*

*do esta concepção museal. Não é fruto do acaso o fato de muitos museus estarem fisicamente localizados em edifícios que um dia tiveram uma serventia diretamente ligada a estâncias que se identificam e se nomeiam como sedes de poder ou residência de indivíduos “poderosos”. Exemplificando: Museu da República e Museu do Itamaraty - antigas sedes republicanas do poder executivo; Museu Imperial e Museu Nacional da Quinta da Boa Vista - antigas residências da família imperial; Paço Imperial - antiga sede do poder executivo; Museu Benjamim Constant - antiga residência do fundador da República (“Memória e poder: dois movimentos”, Mário Chagas, in *Cadernos de Sociomuseologia*, Museu e Políticas de Memória, Centro de Estudos de Sociomuseologia, ULHT nº19, 2002, Lisboa). Naturalmente que esta situação se pode generalizar sem perigo de grande erro.*

## 3. MUSEUS COMPROMETIDOS COM A INDÚSTRIA CULTURAL

Aqui enquadrámos os museus que acolhem as grandes exposições culturais dos tesouros reais, das retrospectivas de grandes pintores, das colecções de raridades, de aniversários ou centenários disto e daquilo. Geralmente estas exposições ou mega-exposições foram apropriadas pela grande indústria cultural, e associam, para além do poder político, as grandes empresas em busca de álbis culturais para os salários mínimos ou não mínimos nos países onde (para as multinacionais) provisoriamente se instalaram, e grandes novas empresas, desbravando novos campos de actividade.

Nestes casos dos museus de “vernissage” das retrospectivas, e dos centenários, há que entender que a efemeridade do evento é certamente da maior relevância. Acções mobilizadoras de grandes recursos financeiros, elas traduzem a entrada da museologia na esfera da economia.

Não por se tratar de grandes investimentos, mas pelo facto de se assistir a transformação de simples “subsídios” em “capital”. Os subsídios estatais ou privados deixam de ter como destino o pagamento de

consumos, mas sim o de destino de entrarem num circuito no qual se mantêm e se multiplicam mediante a incorporação de trabalho alheio, gerando mais-valias.

E é nesta lógica que podemos entender o carácter efémero destes eventos, na medida em que para serem bens de consumo, têm de ser consumidos num duplo sentido:

" Consumidos no sentido de usados;

" Consumidos no sentido de esgotamento de tempo, de vida limitado.

Todos esses eventos, ao contrário das exposições permanentes, precisam de acabar para poderem dar lugar a outros eventos mais novos. Têm assim um tempo de vida útil durante o qual por necessidade própria ou alienada de cada visitante (do público em geral) são adquiridos. A transitoriedade, o sensacional, o espectacular, a raridade dos eventos, funcionam como precepitadores do processo de produção e de circulação na indústria cultural.

Aqui a lógica dos bens produzidos sai da esfera da cultura, da cultura crítica, para se comprometer com a própria lógica do "capital" através da actividade de um número crescente de empresas criadas no exterior dos museus, para desespero de muitos!

## 4. MUSEUS COMPROMETIDOS COM O DESENVOLVIMENTO E COM A CIDADANIA

### 4.1. Processos clandestinos

Também acontece que noutros museus os compromissos públicos manifestam-se na dedicação dos seus funcionários, onde para lá dos horários de trabalho sem fim e da miséria dos salários, se vive uma azáfama extenuante para manter no limite da sobrevivência o museu aberto, as colecções protegidas do cupim, onde cada nova exposição é uma vitória sobre a ignorância, na tentativa de passar uma mensagem, uma ideia, ou uma vivência.

Projectos que vingam à revelia das administrações.

Discursos camuflados de resistência.

### 4.2. Processos assumidos

Enfim, um documento recente intitulado "Política Nacional de Museus" onde o Governo Brasileiro apresenta as grandes linhas de orientação para a reorganização dos museus no Brasil mostra que cada vez mais é essencial trabalhar a ideia da Função Social do Museu. Aqui os museus assumem-se como processos ao serviço de uma sociedade mais inclusiva .... e outras coisas mais.

[...] *o papel dos museus, no âmbito de políticas públicas de carácter mais amplo, é de fundamental importância para a valorização do património cultural como dispositivo estratégico de aprimoramento dos processos democráticos. A noção de património cultural, do ponto de vista museológico, implica a abertura para o trato com o tangível e o intangível, a dimensão cultural pressuposta na relação dos diferentes grupos sociais e étnicos com os diversos elementos da natureza, bem como no respeito às culturas indígenas e afro-descendentes.*

*Para cumprir esse papel, os museus devem ser processos e estar a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento. Comprometidos com a gestão democrática e participativa, eles devem ser também unidades de investigação e interpretação, de mapeamento, documentação e preservação cultural, de comunicação e exposição dos testemunhos do homem e da natureza, com os objetivos de propiciar a ampliação do campo das possibilidades de construção identitária e a percepção crítica acerca da realidade cultural brasileira.*

*Assim, no momento em que se renovam as perspectivas de construção de um novo Projeto de Nação mais inclusivo e com maiores estímulos à participação cidadã, torna-se premente a implantação de uma **Política Nacional de Museus**, que além de abrangente e integrada à política cultural, seja um estímulo ao desenvolvimento, à criatividade, à produção de saberes e fazeres e ao avanço técnico-científico do campo museológico. Essa política deve ter como premissa a democratização do acesso aos bens culturais produzidos, bem como a democratização dos dispositivos de estímulo e incentivo à dinâmica de produção de bens culturais representa-*

*tivos de diferentes grupos sociais e étnicos, de diferentes regiões e localidades existentes no país* (Política Nacional de Museus).

Aquilo que a renovação do pensamento museológico tem buscado desde a Mesa Redonda de Santiago, há mais de 30 anos, é hoje apresentado em termos de programa de Governo (leia-se Governo Lula da Silva / Gilberto Gil) no qual o Centro de Estudos da Sociomuseologia (no qual está enquadrado o Mestrado de Museologia)<sup>1</sup> da Universidade Lusófona teve o privilégio de participar activamente, ao mesmo tempo que os programas europeus tipo Plano Operacional da Cultura procuram neste renovar do lugar da cultura na sociedade contemporânea, as bases para um desenvolvimento escrito e feito (pelo menos em parte) de outra forma. E para os mais cép-

ticos, até o próprio Banco Mundial se debate com a constatação que não há desenvolvimento sem participação e que é urgente repensar também o lugar da cultura na sobrevivência da sua própria acção.<sup>2</sup>

## 5. CONCLUSÃO

Assim, não é fácil falar dos compromissos públicos dos museus, pois esses compromissos estão dependentes de inúmeros factores. O que importa em nosso entender é reconhecer que “a parte da cultura” que existe em cada museu toma novas formas e lugares e, por isso, a acção museológica assume novas formas que já não podem ser analisadas com as grelhas de definições dos nossos antepassados.

---

1 - Para o texto completo ver [http://www.cultura.gov.br/documentos/Politica\\_Nacional\\_de\\_Museus.doc](http://www.cultura.gov.br/documentos/Politica_Nacional_de_Museus.doc)

2 - Notas para apresentação do tema Museologia e Desenvolvimento, Moutinho Mário. Conferência “*Understanding Culture in Sustainable Development: Investing in Cultural and Natural Endowments*”. World Bank/UNESCO, Washington, 1998.

Culture and Sustainable Development/A Framework for Action/Environmentally and Socially Sustainable Development/The World Bank  
<http://www.worldbank.org/eapsocial/library/cultural.pdf>